

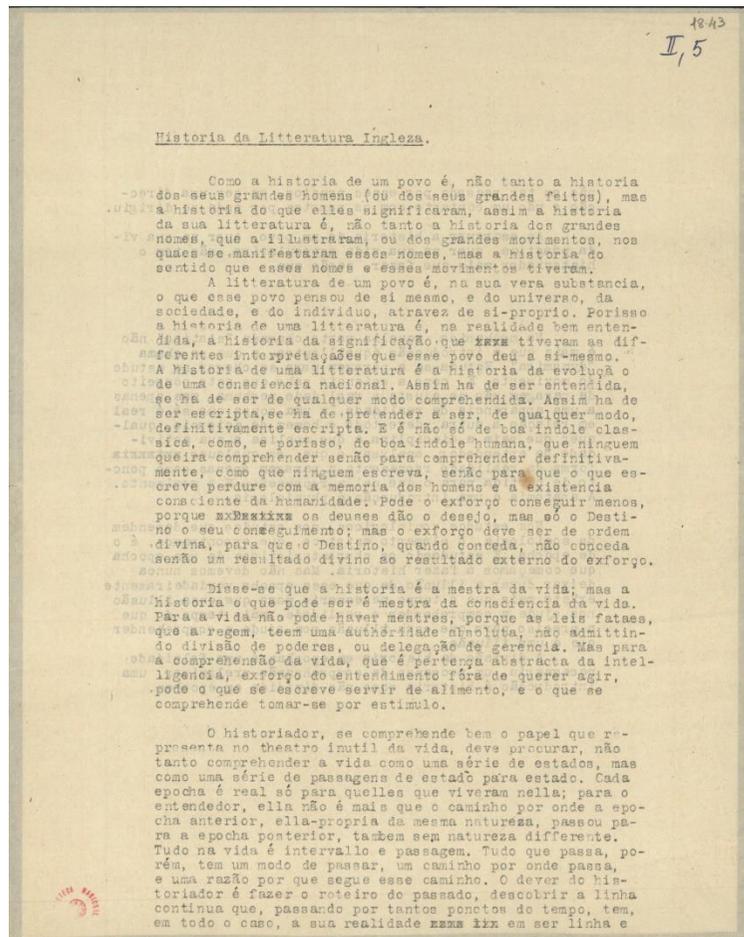
Historia da Litteratura Ingleza.

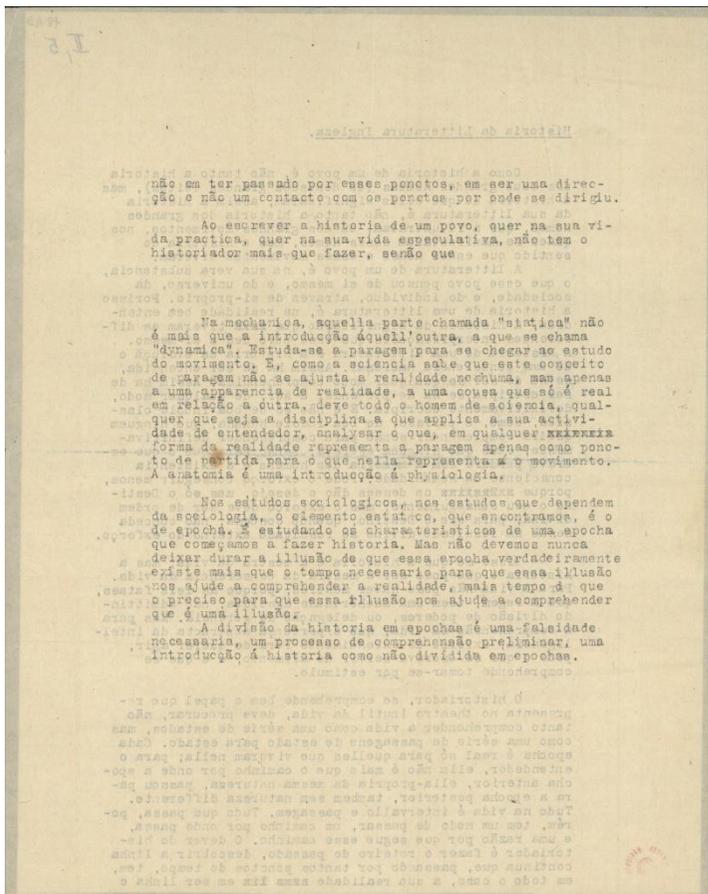
Como a historia de um povo é, não tanto a historia dos seus grandes homens (ou dos seus grandes feitos), mas a historia do que elles significam, assim a historia da sua litteratura é, não tanto a historia dos grandes nomes, que a illustraram, ou dos grandes movimentos, nos quaes se manifestaram esses nomes, mas a historia do sentido que esses nomes e esses movimentos tiveram.

A litteratura de um povo é, na sua vera substancia, o que esse povo pensou de si mesmo, e do universo, da sociedade, e do individuo, atravez de si-proprio. Porisso a historia de uma litteratura é, na realidade bem entendida, a historia da significação que teve tiveram as diferentes interpretações que esse povo deu a si-mesmo. A historia de uma litteratura é a historia da evolução de uma consciencia nacional. Assim ha de ser entendida, e ha de ser de qualquer modo compreendida. Assim ha de ser escripta, se ha de pretender a ser, de qualquer modo, definitivamente escripta. E é não só de boa indole classica, como, e porisso, de boa indole humana, que ninguem queira comprehender senão para comprehender definitivamente, e como que ninguem escreva, senão para que o que se escreve perdue com a memoria dos homens e a existencia consciente da humanidade. Pode o esforço conseguir menos, porque o Destino os deuses dão o desejo, mas só o Destino o seu consentimento; mas o esforço deve ser de ordem divina, para que o Destino, quando conceda, não conceda senão um resultado divino ao resultado externo do esforço.

Disse-se que a historia é a mestra da vida; mas a historia o que pode ser é mestra da consciencia da vida. Para a vida não pode haver mestres, porque as leis fataes, que a regem, teem uma authoridade absoluta, não admittindo divisão de poderes, ou delegação de gerencia. Mas para a comprehensão da vida, que é pertença abstracta da intelligencia, esforço do entendimento fóra de querer agir, pode o que se escreve servir de alimento, e o que se comprehende tomar-se por estimulo.

O historiador, se comprehende bem o papel que representa no theatro inutil da vida, deve procurar, não tanto comprehender a vida como uma série de estados, mas como uma série de passagens de estado para estado. Cada epocha é real só para aquelles que viveram nella; para o entendedor, ella não é mais que o caminho por onde a epocha anterior, ella-propria da mesma natureza, passou para a epocha posterior, tambem sem natureza differente. Tudo na vida é intervallo e passagem. Tudo que passa, porém, tem um modo de passar, um caminho por onde passa, e uma razão por que segue esse caminho. O dever do historiador é fazer o roteiro do passado, descobrir a linha continua que, passando por tantos pontos do tempo, tem, em todo o caso, a sua realidade ~~como lin~~ em ser linha e





não em ter passado por esses pontos, em ser uma direcção e não um contacto com os pontos por onde se dirigiu.

Ao escrever a historia de um povo, quer na sua vida practica, quer na sua vida especulativa, não tem o historiador mais que fazer, senão que {...}

Na mecnica, aquella parte chamada "statica" não é mais que a introduccão áquell'outra, a que se chama "dynamica". Estuda-se a paragem para se chegar ao estudo do movimento. E, como a sciencia sabe que este conceito de paragem não se ajusta a realidade nenhuma, mas apenas a uma apparencia de realidade, a uma cousa que só é real em relação a outra, deve todo o homem de sciencia, qualquer que seja a disciplina a que applica a sua actividade de entendedor, analysar o que, em qualquer sciencia forma da realidade representa a paragem apenas como ponto de partida para o que nella representa o movimento. A anatomia é uma introduccão á physiologia.

Nos estudos sociologicos, nos estudos que dependem da sociologia, o elemento estatico, que encontramos, é o de epocha. É estudando os characteristics de uma epocha que começamos a fazer historia. Mas não devemos nunca deixar durar a illusão de que essa epocha verdadeiramente existe mais que o tempo necessario para que essa illusão nos ajude a comprehender a realidade, mais tempo do que o preciso para que essa illusão nos ajude a comprehender que é uma illusão.

A divisão da historia em epochas é uma falsidade necessaria, um processo de comprehensão preliminar, uma introduccão á historia como não dividida em epochas.

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).